

pa

A paz na economia

13 OUT 1992

ARISTÓTELES DRUMMOND

As grandes manifestações populares e a impressionante votação na Câmara dos Deputados deixaram nas expectativas gerais da Nação alguns traços de sonho e fantasia em relação ao Ministério de Itamar Franco. Já que na área da economia se localiza o epicentro das preocupações nacionais, a escolha dos ministros da Fazenda e do Planejamento estaria naturalmente fadada a controvérsias.



Mas as preocupações desapareceram com satisfatória velocidade, tranquilizando os mercados e o próprio presidente que acaba de assumir. Foram fatores decisivos a experiência regional vitoriosa dos ministros Gustavo Krause, deputado federal, com experiência administrati-

va e boa formação acadêmica, e Paulo Haddad, professor universitário, que comandou a economia mineira no correto mandato do governador Francelino Pereira. Pesou, ainda, a pronta manifestação do deputado Roberto Campos, que ainda está sob cuidados médicos e cuja palavra é decisiva junto às forças produtoras e liberais do Brasil. Não se pode deixar sem referência o efeito positivo do pronunciamento claro de Paulo Haddad perante uma interessada assembléia de empresários na Fiesp.

Como disse o ex-ministro Roberto Campos, não é lícito se esperar de Krause e Haddad atitudes que possam levar a desatinos como os causados em nossa economia desde o Plano Cruzado: irresponsável, desastrado e politicamente desonesto.

Melhor do que palavras só mesmo a reação dos mercados, como o caso do mercado paralelo, que retorna aos patamares de ágio existentes até antes do agravamento da crise política que desembocou na aceita-

ção pela Câmara do impedimento do presidente Fernando Collor.

O crédito de confiança que a sociedade abre, espontaneamente, aos rumos econômicos do novo governo recebe benéfica influência das declarações oficiais, no sentido de que não se abandonará o combate prioritário à inflação, nem se tentará o simplismo da redução dos juros, muito menos aumentos irresponsáveis de salários. O presidente Itamar Franco deixou claro, em seu primeiro discurso, que viveremos tempos de dificuldades.

Agora, vale aguardar a proposta de reforma fiscal, que servirá de base à retomada do crescimento econômico e da arrumação das contas públicas. Assim também a consolidação da crença, na comunidade internacional, de que o Brasil emerge da crise sem compromisso com o retrocesso ou o populismo. O governo Itamar Franco demonstrará com fatos que o Brasil será fiel a comportamentos que têm consagração internacional.

ESTADO DE SÃO PAULO

Ao empresariado, que não faltou com seu apoio à mudança já operada, resta manter uma posição de vigilância para ajudar a nova equipe econômica a acertar, mantendo afinidade com os agentes da produção e do progresso.

O perigo que ronda vem justamente dos setores que vinham reagindo à abertura da economia, à queda das tarifas aduaneiras, ao fim dos subsídios e das reservas de mercado. Não se pode permitir que em nome do interesse nacional sejam privilegiados maus empresários, que vão buscar no bolso do cidadão os custos que não sabem controlar.

O Brasil, definitivamente, não quer ser mais Terceiro Mundo, embora deva reconhecer, com humildade, que chegar ao Primeiro é tarefa para mais de uma geração, tal a nossa distância dos níveis de educação e distribuição de renda que, efetivamente, definem o que é Primeiro Mundo.

■ Aristóteles Drummond é jornalista